

GENE WOLFE

**A ESPADA
DO
LICTOR**

O LIVRO DO NOVO SOL VOLUME 3

ANNO STRA

GENE WOLFE

**A ESPADA
DO
LICTOR**

O LIVRO DO NOVO SOL VOLUME 3

Tradução
Fábio Fernandes



MORROBRANCO
EDITORA

A Espada do Lictor

Copyright © 2025 MORRO BRANCO

MORRO BRANCO é uma editora do Grupo Editorial Alta Books (Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda.)

Copyright © 1982 GENE WOLFE

ISBN: 978-65-6099-075-3

Translated from original The Sword of the Lictor. Copyright © 1982 by Gene Wolfe. ISBN 978-0-09-929540-2. This translation is published and sold by arrangement with Virginia Kidd Agency Inc., the owner of all rights to publish and sell the same. PORTUGUESE language edition published by Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda., Copyright © 2025 by Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda.

Impresso no Brasil — 1ª Edição, 2025 — Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

W853e

1.ed. Wolfe, Gene, 1931-2019

A Espada do Lictor / Gene Wolfe ; tradução
Fábio Fernandes. — 1.ed. — Rio de Janeiro :
Morro Branco, 2025.

368 p. : 13,5 x 21 cm. — (O livro do
novo sol ; 3)

Título original: The sword of the Lictor.
ISBN: 978-65-6099-075-3

1. Ficção de fantasia. I. Fernandes, Fábio.
I. Título. II. Série.

CDD 813.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção de fantasia : Literatura norte-americana 813.5

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra fora formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

Esta é uma obra de ficção. Os nomes, personagens, lugares, organizações e situações retratadas são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, eventos ou localidades é mera coincidência.

Produção Editorial: Grupo Editorial Alta Books

Diretor Editorial: Anderson Vieira

Vendas Governamentais: Cristiane Mutüs

Coordenadora Editorial: Illysabelle Trajano

Produtora Editorial: Luana Maura

Tradução & Paratexto: Fábio Fernandes

Copidesque: Rafael Surgek

Revisão: Andresa Vidal

Diagramação: Diego Santos



A ESPADA DO LICTOR

AO LONGE DESAPARECEM OS MONTES DE CABEÇAS HUMANAS.
EU ME APEQUENO — PASSO DESPERCEBIDO AGORA.
MAS NOS LIVROS AFETUOSOS, NOS FOLGUEDOS DE CRIANÇAS,
RESSUSCITAREI DOS MORTOS PARA DIZER: O SOL!

OSIP MANDELSTAM

SUMÁRIO

A ESPADA DO LICTOR: ENCONTROS COM MONSTROS NOTÁVEIS	08
I. SENHOR DA CASA DAS CORRENTES	15
II. SOBRE A CATARATA	25
III. FORA DO JACAL	34
IV. NA GUARITA DA VÍNCULA	45
V. CIRÍACA	55
VI. A BIBLIOTECA DA CIDADELA	64
VII. ATRAÇÕES	73
VIII. NO ALTO DA ENCOSTA	80
IX. A SALAMANDRA	87
X. CHUMBO	94
XI. A MÃO DO PASSADO	100
XII. SEGUINDO A CHEIA	111
XIII. NAS MONTANHAS	120
XIV. A CASA DA VIÚVA	130
XV. ELE ESTÁ À SUA FRENTE!	140
XVI. O ALZABO	150
XVII. A ESPADA DO LICTOR	160
XVIII. SEVERIAN E SEVERIAN	169
XIX. A HISTÓRIA DO MENINO QUE SE CHAMAVA SAPO	179

XX. O CÍRCULO DOS FEITICEIROS	193
XXI. O DUELO DE MAGIA	202
XXII. O SOPÉ DA MONTANHA	213
XXIII. A CIDADE AMALDIÇOADA	224
XXIV. O CADÁVER	233
XXV. TYPHON E PIATON	243
XXVI. OS OLHOS DO MUNDO	253
XXVII. EM CAMINHOS ELEVADOS	262
XXVIII. O JANTAR DO HETMAN	272
XXIX. O BARCO DO HETMAN	282
XXX. NATRIUM	289
XXXI. O POVO DO LAGO	297
XXXII. RUMO AO CASTELO	307
XXXIII. OSSIPAGO, BARBATUS E FAMULIMUS	316
XXXIV. MÁSCARAS	326
XXXV. O SINAL	335
XXXVI. A LUTA NO PÁTIO EXTERNO	343
XXXVII. TERMINUS EST	350
XXXVIII. A GARRA	356
APÊNDICE	
UMA NOTA SOBRE ADMINISTRAÇÃO PROVINCIAL	363
SOBRE O AUTOR	366

A ESPADA DO LICTOR:

ENCONTROS COM MONSTROS NOTÁVEIS

Fábio Fernandes

A história do jovem torturador Severian é, à primeira vista, um romance picaresco. Esse tipo de narrativa, que começou com o *Dom Quixote*, de Miguel de Cervantes, e *Lazarillo de Tormes*, ambos no século XVI, é um gênero literário satírico que costuma descrever, em detalhes realistas e muitas vezes humorísticos, as aventuras de um herói malandro de classe social baixa, que vive por sua inteligência em uma sociedade corrupta. Esse herói muitas vezes percorre o mundo, indo de um lugar a outro (ainda que o destino final nem sempre seja definido no começo da história) e vivendo inúmeras aventuras. Não há necessariamente uma moral da história nem um sentido mais profundo ao fim da narrativa.

Mas, com as histórias de Gene Wolfe, a coisa muda de figura. Wolfe nunca escreve uma história sem uma motivação mais profunda; mesmo que ela não seja facilmente descoberta de saída.

E não há nenhum problema nisso, porque ele sempre conta uma história. Não é preciso, em absoluto, ter um entendimento pleno de todos os aspectos da história para fruí-la. Em *A Espada do Lictor*, por exemplo, Severian aparentemente consegue chegar ao que deveria ser seu destino desde o começo: então em Thrax, ele se tornou um lictor, um servidor público que pode atuar como segurança ou guarda-costas de um magistrado... ou como carrasco, aliás, uma das funções primeiras de um torturador. Porém, diferente da volume anterior, *A Garra do Conciliador*, onde a história praticamente começa logo depois do fim do

primeiro, *A Sombra do Torturador*, aqui algum tempo já se passou, e o jovem aprendiz de torturador agora é um lictor bem estabelecido, que caiu nas graças do arconte, o líder da cidade.

Mas, claro, como a esta altura vocês já devem ter imaginado, ele não vai ficar lá por muito tempo. Outras coisas acontecerão e o desviarão ainda mais de seu caminho inicial. E, com ele, sempre a sombra da Garra, o artefato misterioso das pelerinas que, sob seu comando (nem sempre consciente), cura e até ressuscita pessoas.

Como dissemos antes, Wolfe era católico praticante, mas suas narrativas, embora tenham uma certa ética cristã, apoiam-se mais em simbolismos do que em doutrina. Ele nunca tenta convencer ninguém de nada em termos religiosos; pelo contrário, em muitas passagens deste e dos outros volumes, o próprio Severian desconfia dos poderes da Garra e não se vê como uma figura mística, mas simplesmente como um homem bastante ignorante, que, por algum acaso (ainda) não explicado, é apanhado dentro de um turbilhão de forças além de sua compreensão.

E, em suas andanças, ele continua encontrando aventuras, seja com belas mulheres, seja com monstros horríveis. É em *A Espada do Lictor* que somos apresentados a uma das criaturas mais aterrorizantes da literatura: o alzado.

Já havíamos sido apresentados à palavra, na cena de *A Garra do Conciliador* em que Severian, capturado por Vodalus, partilha da carne de Thecla e bebe a droga analéptica feita a partir das glândulas da criatura. A cena do banquete, embora grotesca, também nos remete a um certo aspecto da literatura de ficção científica, pois lida com os aspectos farmacológicos de uma substância fictícia, só que usada de forma ritualística pelo bando de

Vodalus. A razão nunca é especificada. Como muitas coisas na narrativa wolfeana, só podemos especular.

A ficção científica está repleta de drogas que provocam efeitos inusitados em seus usuários. Talvez o maior exemplo disso sejam as obras de Philip K. Dick. Ele, nascido em 1928, era contemporâneo de Wolfe (que nasceu em 1931) mas nos deixou cedo demais, em 1982. Muitas de suas obras, como *Os Três Estigmas de Palmer Eldritch*, apresentavam drogas capazes de alterar não só a percepção da realidade, mas a própria realidade objetiva.

Só que, ao invés de distorcer a realidade objetiva como faz Dick, a droga obtida do alzado provoca um efeito mais próximo dos procedimentos da irmandade das Bene Gesserit, em *Duna*. No romance de Frank Herbert, as Reverendas Madres utilizam a Água da Vida (substância também extraída de um animal, no caso o verme de areia encontrado apenas em Arrakis, nome oficial do planeta Duna) para incorporar as mentes de suas antecessoras e, assim, obter um conhecimento de séculos ou mesmo de milênios. Contudo, isso ocorre em um ambiente mais asséptico do que o futuro neomedieval do *Livro do Novo Sol* — e sem o canibalismo que isso envolve na Urth habitada por Severian.

Entretanto, até agora não fazíamos ideia da imagem à qual pertencia o alzado, ou seja, não tínhamos como ligar o nome à criatura. Wolfe nunca descreve o ser em sua totalidade, nem mesmo na cena em que Severian o enfrenta cara a cara; mas os poucos detalhes são suficientes para perturbar os leitores.

A parte do livro em que Severian encontra a fera entrou para a história não apenas da ficção fantástica, mas também da literatura em geral, pelo que tem de fabulístico: aqui nos aproximamos de narrativas do leste europeu;

como os contos russos e poloneses repletos de criaturas sobrenaturais, muitas das quais de natureza demoníaca.

Porém, embora esta série tenha um sutil subtom cristão, em momento nenhum as figuras dessa mitologia aparecem de forma direta. O alzado seria uma das coisas mais próximas de um demônio — e talvez ainda mais assustador se imaginarmos (ainda que não tenhamos certeza) que o animal seja senciente ou não.

Senão, vejamos: de acordo com o *Lexicon Urthus*, de Michael Andre-Driussi, a etimologia do nome *alzabo* é árabe, “sendo uma transliteração arcaica de *al-dhi'b*, que significa lobo, chacal ou estrela em Canis”. Ele também comenta que essa criatura pode muito bem ser o “urso-carniçal” de Sainte-Anne, do primeiro romance oficial de Wolfe, *The Fifth Head of Cerberus*.

Em um ensaio que escrevi para o site Reactor.com, alguns anos atrás apresentei outra interpretação — ainda que muito vaga, e possivelmente incorreta —, mas não pude deixar de relacionar o som da palavra “alzabo” com o nome “Belzebu”, o Senhor das Moscas ou o Senhor do Lugar Alto, dependendo do texto religioso ou da etimologia que você consultar.

O fato de o alzado ser vermelho não me passou despercebido: embora eu não tenha encontrado nenhuma cor específica associada a Belzebu nos textos-fonte que examinei na época, o diabo é comumente representado como vermelho pelo menos desde os tempos medievais. Por exemplo, no inferno criado por Dante em *A Divina Comédia*, Satã possuía três faces, e a do meio era vermelha). Claro, trata-se apenas de uma suposição, como quase tudo o que envolve as inúmeras análises da obra de Gene Wolfe.

Suas influências literárias são tantas que, às vezes, é difícil saber de onde elas vêm, mas podemos elencar algumas. Um autor a quem Wolfe presta tributo neste volume é o francês Villiers de L'Isle-Adam, de *A Eva Futura* e *Contos Cruéis*. Nesse romance, somos apresentados a uma espécie de autômato, ou ser artificial. Muito antes de criaturas como M3gan ou a acompanhante do filme *Companion*, algumas das figuras que povoam os filmes de terror deste primeiro quarto do século XXI, já havíamos criaturas como as de Wolfe. Como, por exemplo, Typhon: o estranho homem de duas cabeças que Severian aparentemente ressuscita durante sua viagem, e que se revela, na verdade, um antigo ditador do planeta — um dos Autarcas, talvez? Severian não sabe, mas percebe que esse homem é alguém que vem de um passado remoto e havia sido deixado para morrer ali por seus súditos. E agora, ao voltar à vida, quer recuperar seu antigo poder.

Até aí, nada (relativamente) fora do comum, não fosse o fato de que Typhon tem duas cabeças. A segunda cabeça não fala e parece ter perdido o intelecto; mas Severian descobre que, na verdade, essa a cabeça estranha é a do ditador, que ordenou ser transplantado para o corpo de Piaton, seu servo. E, se Piaton parece não ter nenhum poder de decisão, Thyphon tem de sobra — o que pode ser perigoso para Severian.

Mas nem toda criatura que aparece aqui é aterrorizante. O que Wolfe busca, acima de tudo, é o chamado *sense of wonder*: o sentimento do maravilhoso, o espanto diante do inesperado.

Se em *Garra*, por exemplo, encontramos o Homem Verde, um ser de um futuro ainda mais distante que o de Severian com relação a nós, aqui somos apresentados aos

Hieródulos, ou cacogênios: outro nome para alienígenas, ainda que isso nunca seja deixado totalmente claro.

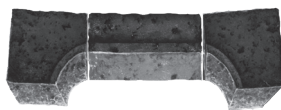
Assim como a Urth da época de Severian — esse mundo de sol vermelho —, somos constantemente mantidos numa certa penumbra em termos de conhecimento ou informação, numa quase de sombra — do crepúsculo, talvez? Como na antiga série de TV *The Twilight Zone*? (no Brasil conhecida como *Além da Imaginação*)

E o que dizer do Dr. Talos e de Baldanders? Aqui, o caminho de Severian se cruza novamente com o desses dois seres, num confronto em que ele finalmente descobre a verdadeira natureza da relação entre ambos.

Mas se engana quem acha que descobrir todas essas coisas junto com Severian nos permite compreender inteiramente como é viver em Urth, tanto tempo no futuro. Parafraseando uma obra que nada tem a ver com esta série, o filme *Matrix*, ninguém pode lhe dizer o que é a Urth do Novo Sol; você precisa ver por si mesmo. Somente lendo o livro e imergindo nele conseguimos ter uma ideia razoável do que é estar ali, ao lado de Severian, vivendo essa aventura fantástica. Que, aliás, não termina aqui.

Fábio Fernandes é jornalista, escritor e pesquisador. Traduziu mais de 120 livros e HQs, entre os quais Salmo Para um Robô Peregrino e Herdeiros do Tempo, ambos publicados pela Morro Branco. É líder do grupo de pesquisa Observatório do Futuro, da PUC-SP, onde investiga narrativas de ficção científica e seu impacto no mundo real. Seu livro mais recente é o romance steampunk O Torneio de Sombras (AVEC Editora).





I

SENHOR DA CASA DAS CORRENTES

— Estava no meu cabelo, Severian — disse Dorcas. — Então eu estava parada em pé debaixo da cachoeira na sala de pedras quentes: não sei se o lado dos homens está disposto da mesma maneira. E toda vez que eu saía, podia ouvi-los falando de mim. Eles chamavam você de açougueiro negro e outras coisas que não quero lhe contar.

— Isso é bastante natural — eu disse. — Você provavelmente foi a primeira pessoa estranha a entrar no local em um mês, então é de se esperar que eles fofocassem sobre você, e que as poucas mulheres que sabiam quem você era ficariam orgulhosas disso e talvez até contassem alguns causos. Quanto a mim, estou acostumado, e você deve ter ouvido tais expressões no caminho para cá muitas vezes. Eu certamente ouvi.

— Sim — ela admitiu, e se sentou no parapeito da embrasura. Na cidade abaixo, os lampiões das lojas fervilhantes começavam a encher o vale do Acis com um brilho

amarelo igual ao das pétalas de um junquilha, mas ela não parecia vê-los.

— Agora você entende por que os regulamentos da guilda me proíbem de tomar uma esposa, embora, como já lhe disse muitas vezes: posso quebrá-los para você sempre que desejar.

— Você quer dizer que seria melhor para mim morar em outro lugar e só vir vê-lo uma ou duas vezes por semana, ou esperar até que você venha me ver.

— É assim que se faz geralmente. E em algum momento as mulheres que conversaram sobre nós hoje perceberão que algum dia eles, ou seus filhos ou maridos, poderão se encontrar sob minha mão.

— Mas você não entende, nada disso vem ao caso. A questão é... — Aqui Dorcas ficou em silêncio, e então, quando nós dois já estávamos há algum tempo sem falar, ela se levantou e começou a andar pela sala, um braço segurando o outro. Era algo que eu nunca a vi fazer antes, e achei perturbador.

— Qual é a questão, então? — perguntei.

— Que naquela época não era verdade. Mas agora é.

— Eu praticava a Arte sempre que havia trabalho disponível. Aluguei-me para cidades e juízes do interior. Várias vezes você me assistia de uma janela, embora nunca tenha gostado de ficar no meio da multidão; razão pela qual não posso culpá-la.

— Eu não assistia — disse ela.

— Lembro de ter visto você.

— Eu não assistia. Não quando a coisa estava realmente acontecendo. Você estava atento ao que fazia e não me via quando eu entrava ou cobria meus olhos. Eu costumava assistir e acenar para você quando você pulava no cadafalso pela primeira vez. Você estava tão orgulhoso

então, e se punha em pé ali, tão ereto quanto sua espada, com uma aparência tão bonita. Você era honesto. Lembro-me de assistir uma vez quando havia um funcionário de algum tipo lá com você, o homem condenado e um hieromonge. E o seu rosto era o único honesto.

— Você não poderia ter visto isso. Eu certamente devia estar usando minha máscara.

— Severian, eu não precisava ver seu rosto. Eu sei como você é.

— Não tenho o mesmo rosto agora?

— Sim — disse ela, com relutância. — Mas eu estive lá embaixo. Eu vi as pessoas acorrentadas nos túneis. Quando dormirmos esta noite, você e eu em nossa cama macia, estaremos dormindo em cima deles. Quantos você disse que havia quando me levou para baixo?

— Cerca de mil e seiscentos. Você honestamente acredita que aqueles mil e seiscentos estariam livres se eu não estivesse mais presente para protegê-los? Eles já estavam aqui, lembre-se, quando chegamos.

Dorcas não quis olhar para mim.

— É como uma vala comum — disse ela. Pude ver seus ombros sacudirem.

— Deveria ser — eu disse a ela. — O arconte poderia libertá-los, mas quem poderia ressuscitar aqueles que eles mataram? Você nunca perdeu ninguém, perdeu?

Ela não respondeu.

— Pergunte às esposas, às mães e às irmãs dos homens que nossos prisioneiros deixaram apodrecendo nas terras altas, se Abdiesus deveria deixá-los partir.

— Só a mim mesma — disse Dorcas, e apagou a vela com um sopro.



Thrax é uma adaga torta que penetra no coração das montanhas. Ela fica em um desfiladeiro estreito do vale do Acis, e se estende até o Castelo de Acies. A harena, o panteão e os outros edifícios públicos ocupam todo o terreno plano entre o castelo e a muralha (chamado Capulus) que fecha a extremidade inferior da seção estreita do vale. Os edifícios privados da cidade sobem os penhascos de ambos os lados, e muitos são, em grande parte, escavados na própria rocha, prática a partir da qual Thrax ganha uma de suas alcunhas: a Cidade das Salas sem Janelas.

A sua prosperidade deve-se à sua posição à frente da parte navegável do rio. Em Thrax, todas as mercadorias enviadas para o norte através do Acis (muitas das quais atravessaram nove décimos do comprimento do Gyoll antes de entrar na foz do rio menor, que pode de fato ser a verdadeira nascente do Gyoll) devem ser descarregadas e transportadas nas costas de animais para viagens mais longas. Por outro lado, os hetmans das tribos da montanha e proprietários de terras da região que desejam enviar sua lã e milho para as cidades do sul os trazem para embarcar em Thrax, abaixo da catarata que ruga pelo vertedouro em arco do Castelo de Acies.

Como sempre deve acontecer quando uma fortaleza impõe o estado de direito sobre uma região turbulenta, a administração da justiça era a principal preocupação do arconte da cidade. Para impor sua vontade àqueles do lado de fora dos muros e que poderiam de outro modo se opor, ele poderia convocar sete esquadrões de dimarchi, cada qual com seu próprio comandante. Uma corte se reunia todo mês, desde o primeiro aparecimento da lua nova até a cheia, começando na segunda vigília da manhã e continuando pelo tempo que fosse necessário para esvaziar a pauta do dia. Como executor-chefe das sentenças

do arconte, eu era obrigado a comparecer a essas sessões, para que ele pudesse ter certeza de que as punições que decretou não fossem tornadas nem mais suaves nem mais severas por aqueles que de outra forma pudessem ter sido encarregados de transmiti-las a mim; e supervisionar o funcionamento da Víncula, onde os presos ficavam detidos, em todos os seus detalhes. Era uma responsabilidade equivalente, em menor escala, à de Mestre Gurloes em nossa Cidadela, e durante as primeiras semanas que passei em Thrax ela teve um peso muito grande sobre mim.

O Mestre Gurloes tinha uma máxima, a de que nenhuma prisão tem uma localização ideal. Como a maioria dos sábios ditados proferidos para a edificação dos jovens, ela era indiscutível e inútil. Todas as fugas se enquadram em três categorias: isto é, elas são efetuadas pela furtividade, pela violência ou pela traição daqueles colocados como guardas. Um lugar remoto contribui muito para dificultar a fuga furtiva, e por esse motivo era favorecido pela maioria daqueles que pensaram por muito tempo no assunto.

Infelizmente, desertos, topos de montanhas e ilhas isoladas oferecem os campos mais férteis para fugas violentas: se forem sitiados pelos amigos dos prisioneiros, é difícil tomar conhecimento do fato antes que seja tarde demais, e quase impossível reforçar suas guarnições; e da mesma forma, se os prisioneiros se rebelarem em um levante, é altamente improvável que as tropas possam ser enviadas às pressas para o local antes que a questão seja decidida.

Uma instalação em um distrito muito povoado e bem defendido evita essas dificuldades, mas incorre em dificuldades ainda mais graves. Nesses lugares um prisioneiro precisa não de mil amigos, mas de um ou dois; e estes não precisam ser lutadores, uma faxineira e um vendedor

ambulante servirão, se possuírem inteligência e determinação. Além disso, uma vez que o prisioneiro tenha escapado das muralhas, ele se mistura imediatamente à multidão sem rosto, para que a sua recaptura não seja um trabalho para caçadores e cães, mas para agentes e informantes.

No nosso caso, uma prisão isolada em um local remoto estaria fora de questão. Ainda que tivesse sido fornecido um número suficiente de soldados, além de seus clavígeros, para rechaçar os ataques dos autóctones, zoantropos e cultellarii que vagavam pelo interior, sem mencionar as comitivas armadas dos pequenos exultantes (em quem nunca se poderia confiar), ainda teria sido impossível fornecer com provisões sem os serviços de um exército para escoltar os trens de abastecimento. A Víncula de Thrax está, portanto, localizada por necessidade dentro da cidade; especificamente a meio caminho da encosta do penhasco na margem ocidental, e a cerca de meia légua do Capulus.

É de design antigo, e sempre me pareceu ter sido concebida como uma prisão desde o início, embora haja uma lenda segundo a qual ela era originalmente uma tumba, e, há apenas algumas centenas de anos, ampliada e convertida para seu novo propósito. Para um observador na margem oriental mais confortável, ela parece uma guarita retangular projetando-se da rocha, uma guarita com quatro andares de altura do lado que ele vê, cujo telhado plano e merlonado termina contra o penhasco. Essa parte visível da estrutura — que muitos visitantes na cidade supõem ser um todo — é, na verdade, a parte menor e menos importante. Na época em que eu era lictor, ocupava apenas nossos escritórios administrativos, um quartel para os clavígeros e meus próprios alojamentos.

Os prisioneiros eram alojados em um poço inclinado escavado na rocha. A disposição usada não era nem a das

células individuais, como a que tínhamos para nossos clientes no ergástulo de casa, nem na sala comunal que encontrei enquanto eu mesmo estava confinado na Casa Absoluta. Em vez disso, os prisioneiros eram acorrentados ao longo das paredes do poço, cada um com um robusto colar de ferro em volta do pescoço, de modo a deixar um caminho no centro, largo o suficiente para que dois clavigeros pudessem andar lado a lado sem o risco de que suas chaves pudessem ser arrebatadas.

Esse poço tinha cerca de quinhentos passos de comprimento e mais de mil lugares para prisioneiros. Seu abastecimento de água vinha de uma cisterna escavada na pedra no topo do penhasco, e os resíduos sanitários eram eliminados através de uma descarga no poço sempre que essa cisterna ameaçava transbordar. Um esgoto perfurado na extremidade inferior do poço transportava as águas residuais para um conduto na base do penhasco que atravessava a parede do Capulus para desaguar no Acis abaixo da cidade.

A guarita retangular agarrado ao penhasco, e o próprio poço, devem ter originalmente constituído toda a Víncula. Posteriormente, tornou-se mais complicada por uma confusão de galerias ramificadas e poços paralelos resultantes de tentativas anteriores de libertar prisioneiros através de túneis de uma ou outra das residências privadas na face do penhasco, e de contraminas escavadas para frustrar tais tentativas — todas agora colocadas em serviço para fornecer acomodações adicionais.

A existência dessas adições não planejadas ou mal planejadas tornou a minha tarefa muito mais difícil do que teria sido de outra forma, e um dos meus primeiros atos foi iniciar um programa de fechamento de passagens indesejadas e desnecessárias, preenchendo-as com uma

mistura de pedras de rio, areia, água, cal virgem e cascalho, e começar a alargar e unir as passagens restantes de tal forma que elas acabassem por formar uma estrutura racional. Por mais necessário que fosse, esse trabalho só poderia ser realizado muito lentamente, uma vez que não mais do que algumas centenas de prisioneiros poderiam ser libertados para trabalhar ao mesmo tempo, e a maioria deles estava em péssimo estado.

Nas primeiras semanas depois que Dorcas e eu chegamos à cidade, meus deveres não me deixavam tempo para mais nada. Ela a explorou por nós dois, e eu a encarreguei estritamente de perguntar sobre as pelerinas para mim. Na longa viagem de Nessus, saber que eu carregava a Garra do Conciliador tinha sido um fardo pesado. Agora que eu não estava mais viajando e não podia mais tentar rastrear as pelerinas ao longo do caminho ou sequer me assegurar de que estava andando em uma direção que poderia acabar me colocando em contato com elas, isso se tornou um peso quase insuportável. Enquanto viajávamos, eu dormia sob as estrelas com a pedra no cano da minha bota, e nas poucas vezes em que pudemos nos abrigar sob um teto, ocultava-a na ponta do pé. Agora, eu percebia que não conseguia dormir a menos que a tivesse comigo, para poder me assegurar, sempre que acordava durante a noite, que ainda tinha a posse dela. Dorcas costurou um saquinho de pele de corça para ela, e eu o usava no pescoço dia e noite. Uma dezena de vezes durante aquelas primeiras semanas sonhei que via a pedra em chamas, pairando no ar acima de mim como sua própria catedral em flamejante, e ao acordar descobria que ela estava brilhando tão intensamente que uma leve radiância aparecia através do couro fino. E uma ou duas vezes por noite eu acordava e percebia que estava deitado de costas com o saco no meu peito